
A cólera e suas oscilações tensivas*

Waldir Beividasⁱ

Resumo: Apresento neste texto dois movimentos de abordagem. No primeiro, visito brevemente três autores que inauguraram o que hoje constitui a chamada *semiótica tensiva*: A. J. Greimas, B. Pottier e Cl. Zilberberg. Nesse primeiro movimento, procuro expor as reflexões pioneiras desses autores sobre o conceito de tensividade, de intensidade, de gradualidade, conceitos-chaves que estarão na base metodológica da construção da semiótica tensiva, em seus modelos atuais de análise. Estendo também a exposição e visito a reflexão de dois autores brasileiros, que exploraram vias operacionais do modelo *sinusoidal* de Pottier para extrair dele, de um lado, uma *flexibilização* no trato do campo epistêmico da semiótica greimasiana (I. C. Lopes) bem como, de outro, uma *dinamização* no trato das paixões, da veridicção, e sua aplicação na análise da semiótica da canção (R. Mancini). No segundo movimento exponho um modelo próprio, *catenário*, inspirado em reflexões inaugurais sobre a tensividade por Zilberberg, e realizo uma breve análise que incide sobre as oscilações tensivas da paixão da cólera, tendo como parâmetro a análise de Greimas sobre tal paixão.

Palavras-chave: cólera; tensividade; dinamização; flexibilização; catenária.

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.231307>.

ⁱ Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil. E-mail: waldirbeividas@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4685-5357>.

1. Preliminares

Talvez, por nossa própria imperícia, enquanto pesquisadores e professores de semiótica, não consigamos evitar de deixar na mente dos jovens iniciantes, algo um tanto canhestro. E dou primeiro mão à palmatória. Trata-se da impressão de que a semiótica narrativa *standard* atribuída, reverenciosamente, o mais das vezes, apenas a A. J. Greimas, e a semiótica *tensiva*, atribuída, mais efusivamente, a C. Zilberberg, sejam rivais, incompatíveis e opostas, em maior ou menor grau. Suplemento a tal impressão, fica por vezes no imaginário dos iniciantes uma espécie de *valoração* diferencial entre ambas: a primeira, conquanto desbravadora e pioneira, vem logo depreciada pelo adjetivo de *limitada* ou *superada*, cede seu lugar de protagonismo e exercícios de análises à segunda, calorosamente recebida como vindo superar o *categórico*, o velho, pelo *gradual*, o novo, superar o *descontínuo*, desgastado, pelo *contínuo*, em seu frescor, espécie de desagravo ao *sensível*, sublime, quase ausente, ou mesmo “recalcado”, numa semiótica do *inteligível*, ultrapassada. Estas comparações e valorações que sobressaem nos implícitos catalíticos das conversas e discussões entre os recém-ingressados na casa semiótica, e às vezes nos explícitos manifestados de textos aqui e acolá de pesquisadores já mais calejados, cumpre serem senão dissipadas, ao menos atenuadas, ou antes, trazidas a uma avaliação judiciosa. Cumpre entendermos que uma dada vertente, ou vertentes, de pesquisas no interior de uma teoria, razoavelmente consolidada entre seus membros pesquisadores, só é possível pelo que anteriormente se desbravou. Cumpre repassar o desbravamento anterior para pinçar indícios a prepararem o que veio depois. E também porque a semiótica sempre se considerou teoria em construção perene. Mesmo porque a ciência avança de discursos em discursos e não em descobertas e descobertas *ab ovo*.

Com estas preliminares, este texto se quer como experiência analítica, breve e sem grandes ambições, de colocar a paixão da cólera, analisada sobretudo sob a lente *modal*, categórica, pelo texto pioneiro de Greimas (1981/1983), colocá-la sob a lente *tensiva*¹, gradual, introduzida em semiótica pelo texto inaugural da obra de Zilberberg (1981), estabelecida concretamente no livro *Tensão e Significação* (2001 [1998]) sob a pena dele mesmo, desta feita junto com J. Fontanille, e mais amplamente desenvolvida depois disso, de maneira solo, pelo conjunto de sua obra. Para tal, farei uso de um grafo tensivo que me empenhei em propor (2019, 2021), baseado em uma sugestão do próprio Zilberberg (1981), qual seja um grafo *catenário*, a ser adiante apresentado e acionado.

¹ Curiosa manifestação de Zilberberg, admitia que, sem rejeitá-la, preferia à expressão “semiótica tensiva” aquela de “ponto de vista tensivo” (2008). Significa admiti-la como integrada na *mesma* semiótica.

2. Vertentes da semiótica tensiva

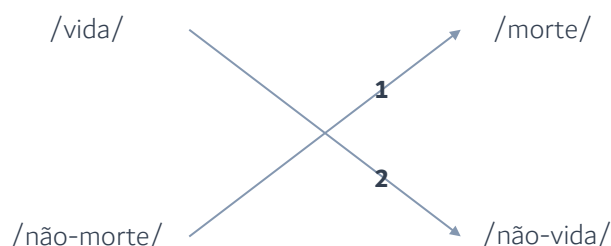
As preliminares acima exigem que examinemos, previamente e com algum cuidado, como surgiram vertentes que parecem ter concorrido para a hoje chamada semiótica tensiva. Tal como ocorre na natureza, é bem difícil encontrar o ponto preciso, um grau zero, onde nasce um rio, sua fonte primeira. Mais razoável é entender que filamentos de água venham daqui e dali, juntem-se e componham ribeirinhos, primeiro, ribeiros, em seguida, ribeirões, adiante, córregos, mais à frente, riachos, depois, e, por fim, aquilo que a língua, como os anteriores, nos brinda com o signo “rio” e decidem, todos eles, o modo como concebemos o real desse micro-universo fluvial, no interior da macrossemiótica do mundo natural. Igual dificuldade, temos de estar advertidos quando procuramos um marco *a quo* do início de uma semiótica que será chamada tensiva.

3. Greimas: a aspectualização tensiva e uma lógica das aproximações

Pouco lembrado na maior parte dos textos em semiótica tensiva, um desses filamentos, com anterioridade no tempo, foram algumas reflexões levadas a efeito por Greimas na sua análise do conto “Dois amigos” de Guy de Maupassant, em seu volumoso livro, rico em proposições desbravantes, *Maupassant. La sémiotique du texte : exercices pratiques*, de 1976.

Logo nas páginas iniciais, em que analisa a primeira sequência do conto — “Paris estava sitiada, faminta e agonizante” — Greimas aciona o modelo, proposto com a colaboração de François Rastier, no final da década anterior (1968), publicado na revista *Yale French Studies*, n. 41, sob o título “The interaction of semiotic constraints” e retomado na compilação de seu *Du sens* (1970, p. 135-155), com o título “Les jeux des contraintes sémiotiques”. O modelo foi ambiciosamente proposto como “constitucional” para explicar a “estrutura elementar da significação” e se revelou operacional, fecundo e consensual, na então semiótica primeira, hoje considerada *clássica* ou *standard*. Estava nascido o principal modelo de acionamento dos semantismos dos discursos, desde suas instâncias mais profundas e abstratas, quase universais, até suas realizações mais superficiais, concretas e singulares nos discursos manifestados: o quadrado semiótico.

As expressões lexemáticas que iniciam o conto de Maupassant — faminta e agonizante —, Greimas (1976) propõe-se reescrevê-las projetadas no quadrado semiótico /VIDA//MORTE/, com seus contraditórios /ÑVIDA//ÑMORTE/, como nível lógico-semântico da narrativa, conforme o esquema abaixo:



Considera o termo “agonizante” no eixo 1, como expressão lexemática a indicar o estado moribundo, à beira da morte (*mourant*); interpreta o termo “faminta”, situado no eixo 2, como expressão lexemática a indicar o estado vivente (*vivant*): “somente os ainda vivos (*vivants*) podem estar famintos” (Greimas, 1976, p. 24). Greimas observa judiciosamente como “posições incertas” os papéis de /agonizante/ e /vivente/ e abre uma reflexão refinada sobre essas posições. Indica, em observações de não mais de duas páginas, intituladas “As estruturas aspectuais”, as condições para dar conta da *passagem* de um termo contraditório a outro, impossível no “nível lógico-semântico” do quadrado, segundo ele mesmo².

Há que se postular, propõe Greimas, a autonomia de um “nível discursivo”, em que essa oposição se resolva como *processo contínuo* com uma tríplice resolução: um processo *durativo* que responda por duas aspectualidades *pontuais*, uma, a *incoatividade* (a abrigar o estado /agonizante/ do conto) e outra, a *terminatividade* (a indicar o final do processo com a posição polar /morte/); a terceira resolução implica o aspecto *tensividade*, segundo Greimas, “indispensável, quando se quer dar, por exemplo, a representação semântica de lexemas tais como ‘bastante’, ‘próximo’, ‘demasiado’, ‘longe’, etc.” (Greimas, 1976, p. 25). O autor resume a reflexão, apresentando um pequeno esquema que interpreta os estados sêmicos de “agonizante” (*mourant*) e “ainda vivo” (*vivant*), abrigando-os nos dois níveis considerados: o nível lógico-semântico, do quadrado semiótico, e o nível aspectual (discursivo):

² Ao semioticista não cabe decidir se tal passagem seja possível e já pensada no todo da lógica do quadrado de Aristóteles, em cuja obra se aponta a origem do modelo semiótico. Ocorre, porém, que, nem no artigo original nem na compilação do *Du sens*, Aristóteles vem mencionado por Greimas e Rastier. Apenas os autores remetem a modelo anteriormente proposto por Greimas, no *Sémantique structurale* (1966), como “formulação remanejada” (*remaniée*). O benefício do remanejamento seria o de poder ser comparado com o modelo hexagonal de R. Blanché (1966) com os do grupo de Klein e aquele de Piaget (Greimas, 1970, p. 137). Seja como tiver sido, o quadrado semiótico de Greimas e o quadrado lógico de Aristóteles terminam por entretecer uma afinidade de coerções lógicas, longínquas ou menos longínquas, coerções lógicas ainda assim. Posteriormente Greimas, num congresso a ele dedicado, no famoso castelo de Cerisy, teria atribuído a Cl. Chabrol a invenção do quadrado (Arrivé; Coquet, 1987, p. 312) atribuição feita com “muito senso de humor”, segundo entrevista de Rastier a Amir Biglari, dado que Chabrol fora apenas, quanto a isso, o autor de uma resenha de leitura do livro de Blanché (2024, p. 433).

/AINDA-VIVO/ (VIVANT)	nível lógico	/vida/	↔	/não-vida/
	nível aspectual	/durativo/ →	/+tensivo/	/terminativo/

/AGONIZANTE/ (MOURANT)	nível lógico	/não-morte/	↔	/morte/
	nível aspectual	/durativo/ →	/+tensivo/	/terminativo/

Finaliza as duas páginas da reflexão sobre as estruturas aspectuais introduzindo o sema aspectual */intensidade/* que responderia pela “posição exata, muito próxima do ponto terminativo, na execução do percurso narrativo de /AINDA VIVO/ e de /AGONIZANTE/”.

Por sua vez, desta feita em apenas página e meia (Greimas, 1976, p. 26-27), apoiando-se em reflexões de Lévi-Strauss sobre o mito de Édipo, Greimas propõe introduzir, ao lado da “lógica natural (ou lógica concreta)” uma *lógica das aproximações* que vá permitir examinar as “sobredeterminações intensivas” que tornam os conteúdos investidos nos termos contraditórios mais aproximados. Tal lógica das aproximações abrigaria “categorias relativas”, as quais não se apresentam como *descontinuidades categoriais*, mas que se distinguem entre si ao modo de “mais e de menos, de excessos e de insuficiências...”. Tal lógica das aproximações seria instada a imitar a topologia que trata de objetos com “contornos aproximativos”, ressalte-se: em condições de galgar o mesmo *rigor* da lógica categorial (Greimas, 1976, p. 26-27). Pedia nisso, para a lógica das aproximações, o rigor científico da lógica categorial.

Alguns anos depois, em “Sobre os acidentes nas ciências ditas humanas”, texto originalmente publicado em *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales* (1979) e republicado em *Du sens II* (Greimas, 1983, p. 171-212), livro sob nossa homenagem neste número de revista, Greimas reconhecia, com certo desconforto, as “consequências incômodas” (*conséquences fâcheuses*) do caráter “relativo” das oposições dos termos epistêmicos (*/certeza/ /improbabilidade/ :: /probabilidade/ /incerteza/*), os quais se apresentam como “polarizações do contínuo”, polarizações que admitem a manifestação de muitas “posições intermediárias”. O desconforto incidia no temor sobre quais consequências o caráter *relativo* dessas modalizações epistêmicas podia custar para o “rigor do discurso dito científico” (Greimas, 1979, p. 44; 1983, p. 192). Também alguns anos depois, no importante capítulo “O saber e o crer: um único universo cognitivo”, escrito direto para o livro aqui homenageado (Greimas, 1983, p. 115-134), Greimas se reporta novamente às modalizações epistêmicas (*/crer-ser/*) como “graduais e não categóricas” como o são, à sua vez, as modalizações aléticas.

A breve visita a esses filamentos greimasianos, a montante do que tenderia a desaguar no rio tensivo, tem meramente por fim indicar que já se presentificara, na semiótica greimasiana, uma *vocação tensiva* que viria, a jusante, poder abrir portas (ou sulcar margens) a propiciar uma vertente tensiva para sua

teoria, a bem dizer, mais amplamente, propiciar a autonomia de um *nível discursivo* perante o nível lógico-semântico dos níveis anteriores do percurso gerativo do sentido (fundamental e narrativo), nível suscetível de acolher e localizar conceptualmente a aspectualização e a tensividade.

Noutros termos, não é difícil deduzir, dessas poucas reflexões de Greimas, o lugar preciso que confere à tensividade. Ela vem sugerida a compor estruturas aspectuais, alocadas no nível discursivo, a responder por todo um conjunto de “categorias relativas”, à sua vez, a dar conta de processos contínuos, nesse nível, processos que se mantinham polarizados em oposições categóricas lógico-semânticas nos níveis anteriores do percurso gerativo. Não será difícil, desta feita, supor que o passo direto à tensividade ficou, na reflexão de Greimas, em compasso de espera, no aguardo de alguma formalização “científica” que pudesse dar conta das transições relativas entre os polos do quadrado, sem perder o rigor científico da empreita.

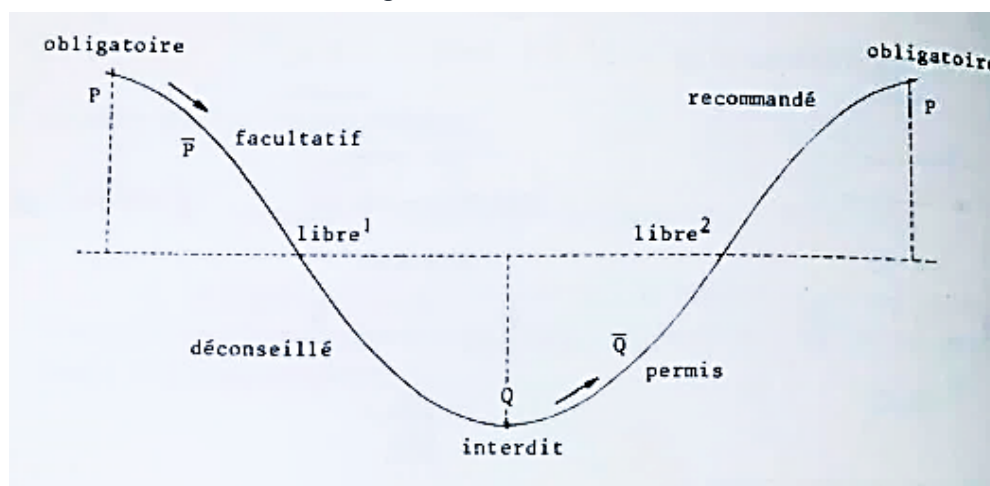
O mais importante a ser destacado aqui é o lugar reservado à descrição da tensividade: trata-se de examiná-la como uma convocação do sujeito da enunciação para a finalização do percurso gerativo do sentido no nível discursivo; trata-se de vê-la como um dispositivo de *aspectualização* a incidir na temporalização, na espacialização e na figurativização, acrescidas da *intensidade*. Tal é o horizonte que pude enxergar nesta breve visita às nascentes da reflexão de Greimas sobre a tensividade e sobre a granularidade sêmica a ser desmembrada em nível discursivo, dando chance às micro-articulações, ou *lógica das aproximações*, para as polaridades sêmicas, opositivas do nível fundamental e suas quadraturas, bem como do nível narrativo e suas modalizações do fazer, do ser e do crer, também quadrificadas. Mas este horizonte para onde apontavam as reflexões greimasianas não cruzou a terra em que dois outros filamentos da água tensiva sulcavam seus cursos, filamentos que ocuparão os comentários a seguir.

4. Pottier e o modelo sinusoide

Um pouco posterior, não muito, às proposições incoativas de Greimas visitadas acima, B. Pottier, linguista muito próximo do lituano, intervém num número dos documentos de pesquisa reunidos em março de 1981, ao modo de pré-publicação, sob o título de *Le Bulletin*, número dedicado à discussão sobre o quadrado semiótico. Apresenta uma breve proposição, em apenas quatro páginas, intitulada “Do quadrado semiótico “vago” (*flou*) ao ciclo”. A finalidade dos raciocínios e modelos parciais propostos no andamento de sugestiva reflexão era chegar ao que o autor chamou de “dinamismo cronológico” através de uma figura-modelo em “sinusoide” (cf. Figura 1, abaixo). Brevíssima apresentação, mesmo assim o modelo sinusoidal vem sugerido para uma tarefa nada pequena:

repensar “o conjunto das modalidades”. Aplicado o modelo do linguista ao quadrado modal deôntico, semiótico, do dever-fazer (/obrigação//interdição/ :: /ñ-obrigação//ñ-interdição/), ele resultaria na seguinte curva sinusoidal que assim se apresenta no próprio texto do *Bulletin*:

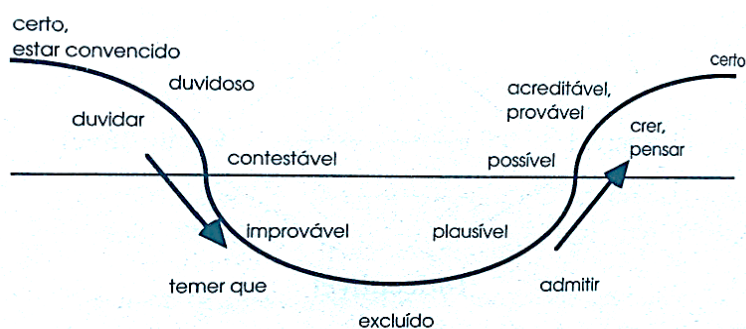
Figura 1: modelo sinusoide.



Fonte: Pottier (1981, p. 18).

Faço economia aqui de comentários mais extensos sobre esse modelo, pois ele vem mais bem refletido por dois semioticistas brasileiros. Num capítulo do livro intitulado *Razões e Sensibilidades: a semiótica em foco*, livro organizado por A. Cortina e R. C. Marchezan (2004), I. C. Lopes recupera proposições feitas por Pottier (1992) sobre as modalizações epistêmicas. Em seu capítulo, “Esquematização da modalidade epistêmica” (Lopes, 2004, p. 51-65), Lopes toma a sugestão de Pottier de resolver as modalidades, no caso específico, a modalidade epistêmica (/CRER-SER/), através do esquema sinusoidal, a fim de melhor responder pelas posições “intermediárias” e transições semânticas entre os polos do quadrado. Conforme havíamos visto acima, o trânsito por aproximações, em categorias relativas, já havia “incomodado” o Greimas do *Maupassant*. Desta feita, não aplicado às modalidades deônticas, como a primeira sugestão sinusoidal de Pottier (cf. acima), mas às modalizações epistêmicas, e tomando um léxico próximo, mas diferente do de Greimas, Lopes assim reproduz a sinusoide de Pottier:

Figura 2: Campo epistêmico projetado na sinusóide.

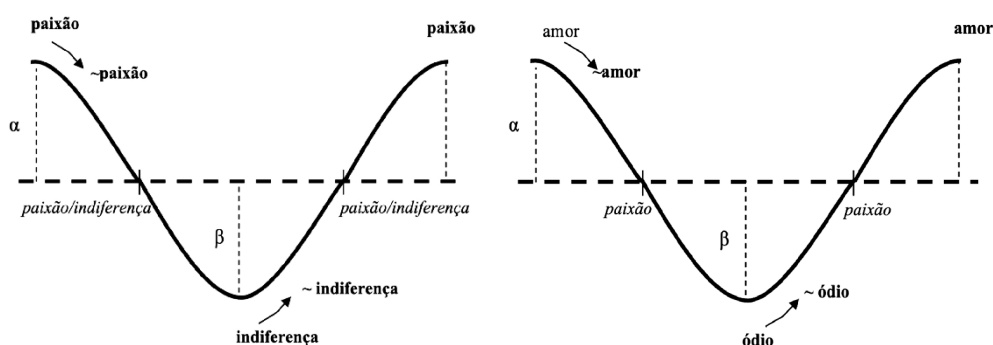


Fonte: Lopes (2004, p. 54).

O propósito da reflexão de Lopes na parte mais ampla do seu texto não é fazer evoluir as proposições de Pottier, mas partir delas com o fim de examiná-las e aplicá-las diretamente aos modelos e esquemas catastrofistas de René Thom, em quase 10 páginas do seu capítulo.

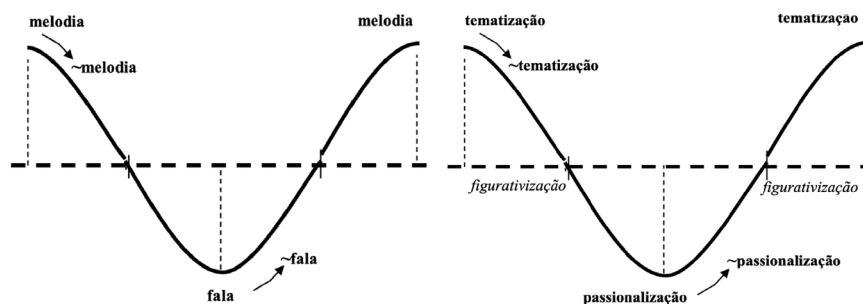
Por seu turno, em recente publicação, no texto “A dinamização como valor no modelo de Bernard Pottier”, R. Mancini (2024) não apenas explana o modelo sinusoidal mas também lhe extrai consequências heurísticas ao aplicá-lo à análise da “paixão” e de uma de suas lexicalizações (/amor//ódio/), à análise da melodia, por relação à fala, na linguagem da canção, aos conceitos da *tematização*, *figurativização* e *passionalização*, propostos por L. Tatit, direcionados ao universo da semiótica da canção; aplica-o ainda à análise do quadrado da veridicção, tudo para atestar a operacionalidade sinusoidal, no que propõe ser um modelo de “dinamicidade da gradação”:

Figuras 3 e 4: Modelos de Pottier aplicados à paixão.



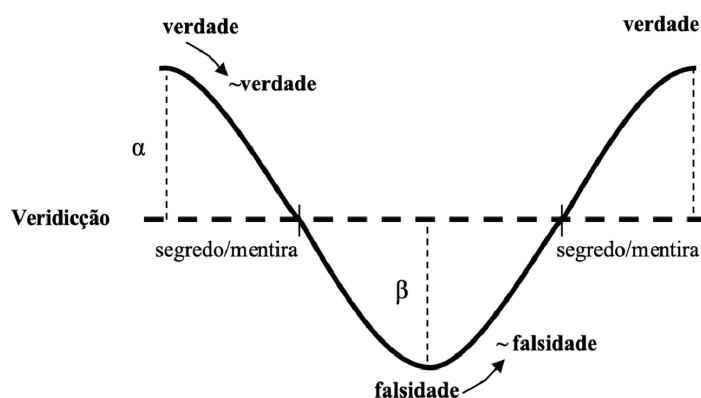
Fonte: Mancini (2024, p. 13-14).

Figuras 5 e 6: Modelos de Pottier aplicados à canção.



Fonte: Mancini (2024, p. 15-16).

Figura 7: Modelo de Pottier aplicado à veridicção.



Fonte: Mancini (2024, p. 17).

Não cabe aqui estender-me sobre os dois autores acima, sobre as suas próprias sugestões de aprimoramento e uso do esquema sinusoidal de Pottier. Cabe-me dizer, antes, que o modelo de Pottier não deve nada ao que pudesse corresponder ou dar sequência às reflexões pioneiras de Greimas, vistas acima. Também com a senoide não se propôs explicitamente a entender, como “tensividade”, a sua “dinamicidade” (Mancini, 2024) ou a sua “flexibilidade” (Lopes, 2004). Isto é, há que se observar que nenhuma correspondência ou porosidade conceptual pode ser vislumbrada entre Pottier e Greimas (e também Zilberberg, cf. logo adiante), sobre esse conceito que, na sua densificação, será a mola-mestra da semiótica que nascia sob a pena deste último, como idealizador-mor da semiótica tensiva.

Entretanto, cabe notar, ironia do deus *Chronos*, que o texto inaugural da senoide, publicado no mês de março de 1981, o foi num início de semestre em que se gestavam, num tempo vertiginoso, as reflexões de Zilberberg sobre o seu *Essai sur les modalités tensives* (1981). Este livro, de imensa criatividade e

profuso de sugestões para a teoria das modalidades, tem um dos quatro capítulos assinado para fevereiro/março daquele ano e o capítulo mais tardio assinado para agosto. Impressionante obra parida num único semestre, de uma só vez, quase num piscar de olhos³.

5. A semiótica tensiva de Zilberberg e Fontanille

É sabidamente conhecido, e bem indicado em textos que comentam, refletem e adotam a semiótica tensiva, que tudo se inicia e provém do primeiro livro de Zilberberg, mencionado acima (1981); tudo se estabelece firmemente em teoria na publicação do *Tension et signification*, juntamente com J. Fontanille (2001 — edição original em 1998); tudo se aprimora em vários textos teóricos e/ou analíticos de Zilberberg; tudo toma a forma de uma global e ousada “gramática do afeto” em *Éléments de grammaire tensive* (Zilberberg, 2006); tudo tem seu acabamento, declarado pelo autor, em *La structure tensive* (Zilberberg, 2012)⁴.

Nos inícios dos anos 1980, a teoria semiótica regulada em seu imaginário teórico pelo *Dicionário* de Greimas junto com Courtés (2008 [1979]), Zilberberg nos advertia do risco de deixar o conceito de tensividade na “periferia” da teoria, do risco de deixá-lo “apodrecer” (*croupir dans quelque Kamtchatka théorique*)⁵, na impossibilidade de “estrangulá-lo impunemente” (*lui tordre impunément le cou*) (Zilberberg, 1981, p. vii), como se vê, num estilo acadêmico que começava a já se prefigurar como só seu. Era imperativo trazê-lo “da periferia para o centro”. O objetivo maior era o de fazê-la alçar o mesmo estatuto e importância que detinha na semiótica, desde Saussure, o conceito de *diferença*. Noutros termos, tratava-se de colocar em *paridade* os conceitos de diferença e de tensão: “não há diferença sem o abalo de uma tensão, não há tensão sem a ordenância de uma diferença”⁶. No entendimento que parece caber, tratava-se do gigantesco esforço de fazer a *tensividade* ganhar o mesmo estatuto das *oposições* em quadratura

³ Lançado “precocemente”, à luz das coisas, num momento em que a semiótica “standard” mal tinha dois anos de vida, gerenciada no *Dicionário* de Greimas com Courtés de 1979 (cf. 2008), as mais de uma trintena de categorias modais, postas em cena por Zilberberg (cf. adiante) foram recebidas nos cochichos dos corredores dos discípulos greimasianos, ao que tudo indica, como um “certo delírio terminológico” — expressão manifestada por H. Parret na apresentação do livro *Razão e poética do sentido*, de Zilberberg (2006b, p. 11). A profusa terminologia modal de Zilberberg assustou a plateia, ficou acantonada, senão abandonada, à espera do que prosperou depois, bastante diferente, senão “contra”, no modo como prosseguiu depois.

⁴ Desnecessário aqui listar toda a obra original, singular e considerada “enigmática”, por vezes, de Zilberberg. Herman Parret faz a apresentação mais “comovida” sobre a reflexão de Zilberberg no prefácio que escreve para o livro *Raison et poétique du sens* (2006a [1988]): “provavelmente a mais original, a mais formal, a mais radical, a mais poética, a mais genial...” (cf. as publicações globais do autor no site criado e conduzido por José Roberto do Carmo Júnior: <https://claudezilberberg.org>).

⁵ Não consegui tradução viável para a expressão.

⁶ « *pas de différence sans émoi d'une tension, pas de tension sans dictée d'une différence* » (Zilberberg, 1981, p. vii).

da semiótica greimasiana, senão até mesmo de usurpar-lhe, por assim dizer, o trono.

Com efeito, já prenuncia nas páginas de abertura das suas reflexões certa dissensão que seu ponto de vista haverá de ter ao se situar frente ao estatuto categórico do quadrado semiótico, e também frente ao “percurso gerativo”. Enuncia claramente suas preocupações: “relativizar o uso do quadrado semiótico, o qual é apenas um conceito entre outros (cuja) aplicação é sobretudo local, uma microestrutura mais do que uma estrutura”⁷. Não ao modo iconoclasta, mas a escolher outro caminho que não o de “comentários piedosos e de exegeses respeitadas”. A convicção era a de que a contraposição de argumentos não é fatal para a teoria, ao contrário, é previamente necessária para a integração de novos dados. Tais posicionamentos inaugurais de sua semiótica tensiva exigem considerar o percurso gerativo menos como um “acabamento” (*clef de voûte*) do edifício semiótico, e mais como um “ateliê” do sentido onde operar e “polir” os pensamentos (Zilberberg, 1981, p. ix- x).

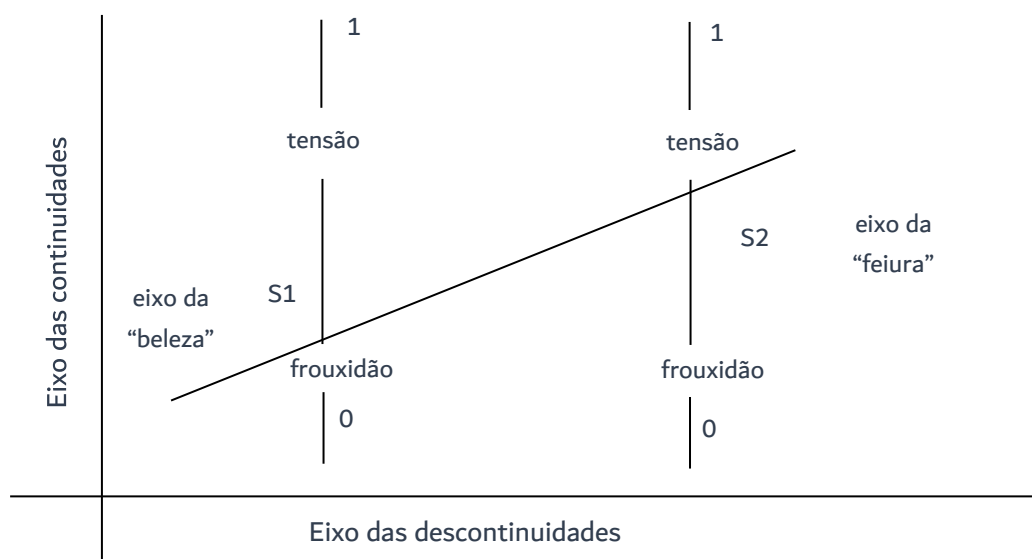
No entanto, dado a causar certo estranhamento, relativiza o quadrado na intenção, mas explora-o à vertigem na ação e na inspiração. De fato, explora com fertilidade, minúcias e precisão, quase uma quarentena de possibilidades modais em quadratura. Propõe dois vastos esquemas em que se organizam o *fazer pragmático* e o *fazer cognitivo*, inscritos como as duas dimensões primeiras, propostas para a narratividade em geral, num detalhismo formidável. Nada menos do que 16 quadrados semióticos de modalidades (tensivas, volitivas, dúlicas, aperitivas, mercuriais, libidinais, fágicas, conjugais... — para elencar apenas a metade delas) compõem o esquema do fazer pragmático. Por sua vez, o esquema do fazer cognitivo vem mais bem aquinhoadado: abriga 18 quadrados de modalidades (discretas, fônicas, têmicas, missivas, hermenêuticas, oratórias, dubitativas, suspensivas, escalares... — para nos determos igualmente na metade)⁸.

E sobre o conceito de tensividade, propriamente dita, sugere um esquema que traz uma lufada dos ventos futuros. Considerados menos como oposições e mais como “translações, deslizamentos, varreduras (*balayages*)”, introduz os termos “tensão” e “frouxidão” (*laxité*) como semas, ou antes, como “massa sêmica que varia entre dois estados em que um será dito *frouxo* e o outro *tenso*”. E, para representá-los visualmente num gráfico, faz sonhar com o advento futuro do gradiente tensivo que o sucede:

⁷ « relativiser l’usage du carré sémiotique, qui n’est qu’un concept parmi d’autres. Son application est surtout locale — plutôt une micro-structure qu’une structure » (Zilberberg, 1981, p. x).

⁸ Além da profusão dos quadrados modais, é impressionante notar a fecundidade lexicomática na escolha dos semas que irão compor cada uma delas. Por exemplo: /argumentar//objetar/ :: /sustentar//refutar/ para as modalidades oratórias; /enganar//esclarecer/(*dessiller*) :: /esconder/(*aveugler*)/advertir/(*détromper*), para as modalidades ardilosas (*obreptices*). Só resta convidar o leitor a saboreá-las por inteiro no livro.

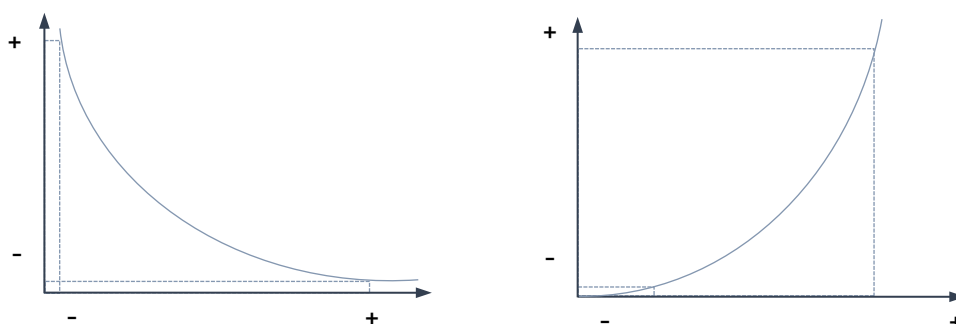
Figura 8: Esquema das continuidades e descontinuidades.



Fonte: Zilberberg (1981, p. 7).

Depois dessa primeira sugestão esquemática, ficará muito conhecido o esquema chamado grafo tensivo, inúmeras vezes retomado por ele e por todos os que se servem dele, indicado sumariamente nos seguintes esquemas básicos, apresentados em suas correlações: *inversa*, para o primeiro, *conversa*, para o segundo (Fontanille; Zilberberg, 1996, p. 26):

Figuras 9 e 10: Gradientes de correlações inversa e conversa.



Fonte: Fontanille; Zilberberg (1996, p. 26).

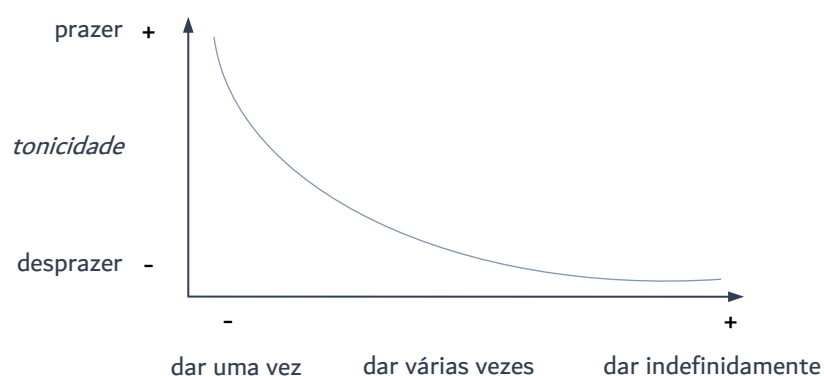
Esses dois grafos — o primeiro registrando as correlações inversas: *mais* extensidade, *menos* intensidade, e o segundo, as correlações conversas: *mais* extensidade, *mais* intensidade — responderão básica e praticamente por todas as reflexões tensivas que Zilberberg projetará em suas análises e proposições teóricas posteriores. Não cabendo nos propósitos do que vem a seguir percorrê-

las exaustivamente, apenas retomo aqui a utilização que faz no seu último livro, *La structure tensivo*, quando analisa um pequeno parágrafo de um texto de Rousseau *Les Rêveries du promeneur solitaire* (Apud Zilberberg, 2012, p. 24):

Durante minhas curtas prosperidades, muitas pessoas a mim recorriam e, em todos os serviços que pude lhes oferecer, nenhum deles jamais foi recusado. Mas desses primeiros favores prestados com toda sinceridade foram nascendo cadeias de obrigações sucessivas que eu não havia previsto e de cujo jugo eu não podia mais me livrar.

Para sua análise, Zilberberg (2012) projeta em seu gradiente tensivo os seguintes semas lexematizados:

Figura 11: Gradiente tensivo prazer e desprazer em texto de Rousseau.



Fonte: Zilberberg (2012, p. 25).

Ora, tal como em textos anteriores eu já havia notado (Beividas, 2019, 2021), na representação tensiva desse gradiente vê-se claramente que a análise contempla a tonicidade do /prazer/ da doação (“com toda sinceridade”), na primeira vez, e da extensividade progressiva do /desprazer/ das doações várias e infindas. Ocorre que a expressão rousseauiana “que eu não havia previsto e de cujo jugo eu não podia mais me livrar” mostra claramente uma forte intensidade que o /desprazer/ ganha, no andamento; mostra uma tonicidade e intensidade que fica obnubilada na análise de Zilberberg. O texto de Rousseau apresenta uma nítida correlação inversa acoplada a uma correlação conversa — quanto *mais* dá, *menos* prazer, quanto *mais* dá, *mais* desprazer. E seu gradiente tensivo não o responde a contento. É como se o /desprazer/ a longo termo fosse sempre fraco de tonicidade, o que, a meu ver, não corresponde à catálise das expressões finais do pequeno trecho de texto acima. Na expressão rousseauiana do desprazer — “de cujo jugo não podia mais me livrar” — o termo “jugo” não tem como não convocar e revelar a forte tonicidade, isto é, alta intensidade.

6. Um modelo catenário de tensividade

Foi procurando encontrar um lugar mais “justo”, por assim dizer, para a figura do /desprazer/, para a intensidade que o desprazer ganhava à medida do tempo da extensividade, isto é, da permanência das doações no relato de Rousseau; por sua vez, foi também procurando encontrar um modelo que *compusesse* o quadrado semiótico de Greimas com o gráfico tensivo de Zilberberg, isto é, que fizesse *comunicarem-se* os dois modelos, que me vi na tarefa de lançar mão de uma quase abandonada formulação do próprio Zilberberg no mesmo livro que inaugura semioticamente sua reflexão, seu *Essai* (Zilberberg, 1981)⁹.

Apenas recentemente me foi possível apresentar um modelo *catenário* que pudesse compor o quadrado semiótico e o gradiente de tensividade (Beividas, 2019, 2021). Baseei-me numa reflexão, para mim, estonteante à época de sua leitura, das primeiras páginas do *Essai* de Zilberberg, na qual ele, para perplexidade em meu entendimento, dizia: “sendo o gradual posto como primeiro, o categórico é obtido por suspensão dos termos *catenários* e conservação dos termos *extremos*” (Zilberberg, 1981, p. 10; itálicos meus). A perplexidade se dava porque, desde os primeiros passos da construção do modelo constitucional do quadrado semiótico sempre se inicia com as oposições polares (/grande//pequeno/ — /rico//pobre/ — /vida//morte/) e, em seguida, o quadrado permite o trânsito para os termos contraditórios. Zilberberg *inverte* esse trajeto. Para meu entendimento, ele situava numa região catenária os termos classicamente entendidos como contraditórios (retomo adiante).

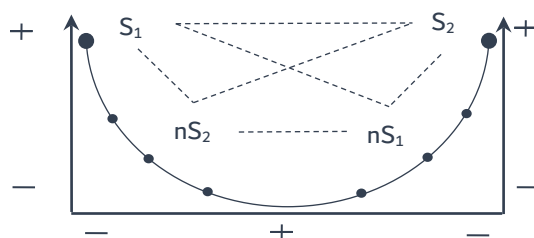
Segundo ele, tal visão invertida era “conforme à razão”, conforme os “grandes princípios”, uma vez que, nesse entendimento às avessas, o gradual é o que “serve de substância” ao categórico, “que o informa”. E apoia-se no entendimento proposto por Hjelmslev num momento em que este propusera, citado por Zilberberg: “aquilo que de um ponto de vista é “substância” se torna “forma” de um outro ponto de vista”. Concorda e justifica seu mestre: “uma forma trabalha uma substância, mas não a cria, senão perderia o traço essencial que a constitui”. No andamento dessas reflexões propõe então que haja uma primazia do gradual sobre o categórico, segundo ele conforme à “natureza das coisas”.

⁹ A bem dizer, a busca de uma composição entre o quadrado semiótico e o grafo tensivo já tivera sido preocupação mais antiga. Em 2008 apresentei no congresso da ANPOLL uma comunicação intitulada “Quadrado semiótico e gradiente de tensividade: ensaio de compatibilização”, cujo resumo registrado é suficiente para esclarecer a questão e as intenções: “em Semiótica sabemos da dificuldade em operar conjuntamente com o quadrado semiótico e o gradiente tensivo. A semiótica categorial do quadrado vem sendo paulatinamente abandonada, frente às dificuldades de seu uso quando diante dos dados contínuos, tensivos, da prosódia do conteúdo, em que prima o sensível sobre o inteligível, o afeto (e suas intensidades) sobre a cognição (e suas articulações semântico-lógicas). Consideramos que tal dificuldade pode levar ao risco de uma demissão (explícita ou implícita) generalizada da heurística da semiótica categorial. Cabem pois tentativas de compatibilização entre o quadrado com os gradientes tensivos, o categorial e o contínuo. A contribuição que estaremos apresentando neste evento visa ir ao enalço de tal compatibilização”. À época não pude dar sequência a essa busca por não ter encontrado alguma “chave” que lhe abrisse alguma porta.

Fica claro com isso a sua busca do que se “esconde” debaixo dos semas, “Sous les sèmes 'y a quoi?’” (“O que há sob os semas?”), título do capítulo em que essas reflexões inaugurais de sua semiótica tensiva se colocam como as estacas dos alicerces em que se construirá o edifício tensivo, ou, para darmos continuidade à metáfora fluvial, como os filamentos a montante que comporão seu rio tensivo.

Catenária é figura geométrica de uma curva que representa a forma de equilíbrio de um fio homogêneo, flexível, pesado, suspenso por suas extremidades a partir de dois pontos fixos e submetido exclusivamente à força de gravidade. Essa definição dicionarizada, em estrita geometria, certamente não se aplica tal e qual ao caso dos semas catenários de Zilberberg¹⁰. Noutros termos, a figura da catenária não se “comunica” imediata e diretamente com o gradiente tensivo de Zilberberg, em “L” por assim dizer, conforme acima ilustrado: um eixo vertical e um eixo horizontal “à direita” e entre os dois uma curva descendente ou ascendente. Para fazê-los se comunicarem, isto é, se integrarem, era preciso duplicar o gradiente tensivo, criar-lhe um eixo vertical com seu eixo horizontal à esquerda (J) e, em seguida, juntá-los “em espelho”. Com isso, um gradiente duplicado se mostra à vista, suscetível de receber a projeção inteira da curva catenária suportada por dois polos. Com isso, o quadrado semiótico de Greimas se “projetava” quase “naturalmente” nesse novo modelo, abrindo-lhe a possibilidade de se “tensivizar”:

Figura 12: Catenária com os termos de primeira geração do quadrado de Greimas.



Fonte: Elaboração própria.

Não encontrando no texto fundador de suas ideias tensivas nenhum vestígio de seu entendimento sobre o termo *catenária*, onde o buscou, como o concebeu; mencionado apenas duas vezes, *en passant*, no *Essai* (Zilberberg, 1981), e jamais recuperado em suas publicações posteriores, a interpretação que me foi dado ter foi a de considerar os dois pontos “fixos” que sustentam o fio catenário como os semas polares do quadrado semiótico de Greimas (/vida//morte/ — /amor//ódio/ — /euforia//disforia/, etc.) e a de situar na

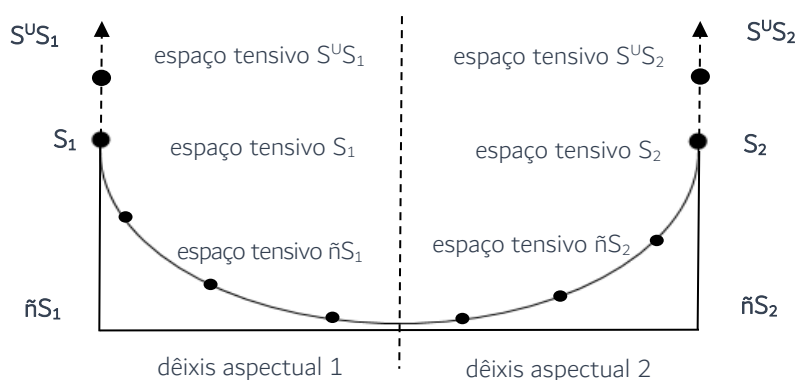
¹⁰ A imagem mais simples para visualizar uma catenária é a que nos oferecem os fios dependurados em dois postes distantes, ou em duas torres nas linhas de transmissão de eletricidade, Brasil e mundo afora.

curva catenária todas as demais posições graduais, os gradientes de tensividade. Isto é, os pontos distribuídos na curva catenária abrigariam os semas graduais passíveis de partilhar a região não polar, contraditória nos termos do quadrado, catenária nos termos tensivos. No caso, por exemplo, da oposição /vida//morte/, a curva catenária abrigaria situações sêmicas como /moribundo/, /agonizante/, /enfermo/, /doente/, /convalescente/, /melhorando/, /recuperando-se/, /saúdável/, /recuperado/ etc.

Assim seria aberta para a semiótica a possibilidade de *sair* de Aristóteles, da mesma maneira como Zilberberg lembrava diversas vezes o conselho de Greimas: a tarefa de *sair* de Propp (2011, p. 270)¹¹. As demais posições sêmicas, que não as polares, cobririam paulatinamente no gradiente catenário o imenso espaço tensivo e aspectual dos termos “contraditórios”. Tais posições sêmicas graduais, intermediárias, em “translações”, “deslizamentos”, como o quis Zilberberg desde o início, substituiriam a lógica estrita, a dos contraditórios do quadrado lógico aristotélico, por uma “lógica das aproximações” desenhada na mente de Greimas desde *Maupassant*. Pobre Rousseau que não o conseguia, a semiótica poderia ver-se livre do “jugo” de Aristóteles.

Além do mais, o modelo catenário, não satisfeito de abrigar o quadrado semiótico, nas suas oposições polares, básicas em língua (/vida//morte/, /grande//pequeno/, /rico//pobre/, etc.) tem a vocação de contemplar toda uma gama de semas hiperbólicos, bastando “alongar” a curva catenária, como no esquema abaixo:

Figura 13: Catenária incluindo o espaço sêmico dos superlativos.



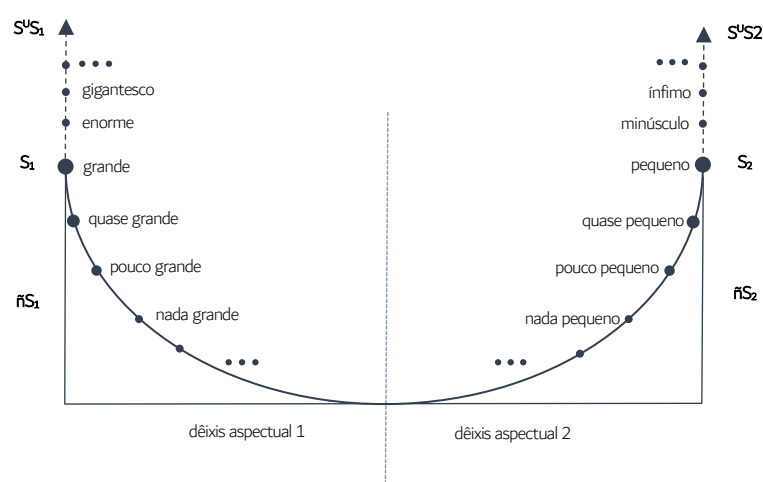
Fonte: Elaboração própria.

¹¹ Em texto publicado na revista *Tópicos del Seminario* (Beividas, 2021), propus abandonar o logicismo dos termos contraditórios de Aristóteles e conservar para o modelo catenário apenas a força heurística das duas dêixis do quadrado propostas por Greimas.

Nesse esquema, além dos espaços tensivos de S_1/S_2 , dos espaços tensivos de $\tilde{n}S_1/\tilde{n}S_2$, a curva catenária permite um espaço tensivo que “sobe” para contemplar a região sêmica dos superlativos, das hipérboles e paroxismos, notadas S^uS_1 e S^uS_2 .

Para o caso de um exemplo bem simples, a oposição básica /grande//pequeno/, sua projeção em catenária poderia formar a seguinte representação tensiva:

Figura 14: Catenária saturada com a oposição “grande vs. pequeno”.



Fonte: Elaboração própria.

7. A cólera tensivizada

Quando, à diferença do foco *modalizante*, bem elucidado em todos os matizes modais que intervêm na paixão da cólera, tal como a sua análise por Greimas (1983 [1981]) nos deslumbrou; quando, desta feita, a lanterna se volta aos aumentos e diminuições das intensidades, logo a cólera se deixa ver como um “sincretismo” tensivo, qual seja, uma galáxia sêmica, ou “massa sêmica” na expressão de Zilberberg (1981), todos eles semas de alta intensidade, a concorrerem para que o sujeito se veja encolerizado, à beira da explosão.

Como Greimas bem o apontou, o *descontentamento* é o pivô do trajeto da cólera, antecedido pela *frustração* e seguido da *agressividade*. A própria frustração, que inicia o trajeto tríplice, ela própria se vê antecédida da *expectativa*. Nessa sequência de pressuposições, Greimas também já havia mostrado que o estado *a quo* da cólera — a espera/expectativa (*attente*) — era um estado “fortemente modalizado” (Greimas, 1983, p. 227). Desdobra-a numa expectativa /simples/, objetual (o sujeito aguarda a obtenção de um objeto), e uma expectativa “fiduciária”, intersubjetiva, (o sujeito *conta com*, isto é, confia no fazer

do outro sujeito a seu favor). Mesmo que essa expectativa fiduciária se baseie, fundada ou infundadamente, num contrato apenas “imaginário” — convocando toda uma semiótica do simulacro — ainda assim ela se instala efetivamente na relação. Ora, se tudo ocorre bem, isto é, se a espera do objeto é satisfeita com este, também a relação fiduciária recebe satisfação, não haverá timia para a frustração, nem para o descontentamento, nem haverá lugar para a cólera.

No que se refere, agora, à questão da tensividade, já nas suas observações sobre a expectativa simples, Greimas nos apresenta uma nesga de luz heurística às portas de uma análise tensiva quando propõe, para ser observada em nível discursivo, a correlação /expectativa/= /tensão/ // /satisfação/= /distensão/ (*détente*) (Greimas, 1983, p. 229). A luz penetra mais viva quando, logo a seguir, nas reflexões sobre a /insatisfação/ e a /decepção/, ele já vislumbra o “papel da intensidade” na “gradação” da insatisfação:

Todavia, deve ainda ser registrado um aspecto relativo ao papel da intensidade; frequentemente tem-se a impressão de que existe uma relação direta entre a intensidade da espera “vontade”, “voto”, “esperança”, “aspiração”, “desejo”, “anseio” etc. e a gradação da insatisfação que decorre de sua não realização (Greimas, 1983, p. 233).

Correlação tensiva em nível discursivo, papel da intensidade na gradação dos semas passionais, essas antecâmaras de uma semiótica “tensiva”, das “aproximações”, das “gradações”, das “intensidades”, já presente no imaginário greimasiano, destinada a compor no nível discursivo um imenso campo de *aspectualizações*, como a gerenciar os demais elementos da sintaxe e semântica discursivas, nos pedem para tomar às mãos a tarefa e dar-lhe prosseguimentos ao modo dos *stylus* com que cada pesquisador sulca seus palimpsestos.

Na tentativa e intenção desse prosseguimento, à modesta escala de sua brevidade, quando a /expectativa/, que ainda se situa anteriormente à sequência canônica propriamente dita da cólera — frustração → descontentamento → agressividade —, já ultrapasse o limiar “molar”, isto é, da tonicidade *básica* do seu semantismo em língua, enquanto sema, ela pode já adentrar o espaço tensivo superlativo (muita expectativa, enorme expectativa, imensa expectativa, demasiada expectativa, expectativa desesperante...). E isso valerá para a sua forma simples, objetual, e também para a modalidade intersubjetiva, fiduciária. Noutros termos, mais intensa se põe a expectativa, mais intenso se apresentará o primeiro movimento da sequência da cólera: a /frustração/. De modo que esta também adentrará o espaço tensivo superlativo, hiperbólico: /grande frustração/, /imensa/, /terrível/, /insuportável/ etc. No caso da expectativa fiduciária, a decepção e frustração intensificada incidirá seja sobre o outro, intersubjetiva (como ele ousou /não-fazer/ isso para mim!), tanto quanto sobre si próprio, intrassubjetiva (como fui “crédulo” a

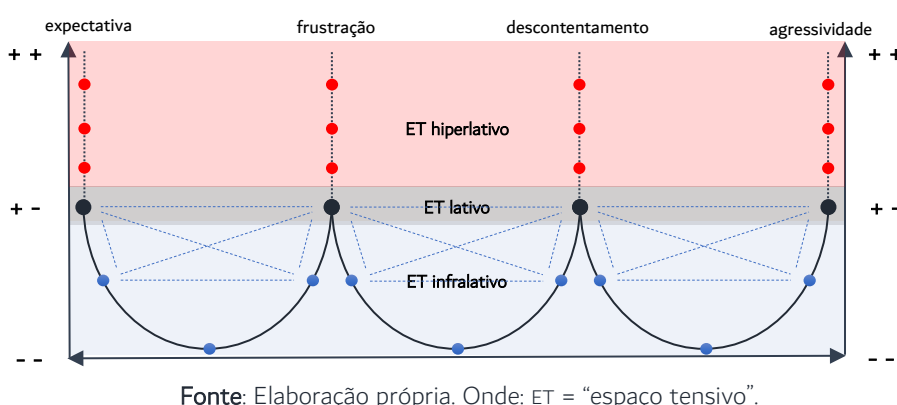
tal ponto!). Note-se que o sema “crédulo” é já manifestação superlativa da crença: acreditei /demasiadamente/.

A frustração intensificada, hiperlativa, vem catalisada pelo paroxismo do descontentamento, nomeado às claras de “violento” pelo dicionário usado para a definição léxica da cólera (“violento descontentamento, acompanhado de agressividade”). E tudo vem gerado num movimento de implicação *motivadora*¹²: se o descontentamento foi violento, é porque a frustração foi imensa e a expectativa (objetal e intersubjetiva) enorme. Ou seja, tudo transcorre num espaço tensivo hiperlativo.

Não cabe neste breve exame tensivo da cólera adentrar os recantos intrincados da larga “floresta” de sentimentos, aberta e explorada por Greimas (ressentimento, rancor, honra ferida, malevolência, paciência, impaciência, cólera contida, sadismo...), o que ele convoca como “campo ampliado” (*champ élargi*) da cólera (Greimas, 1983, p. 235). Limito-me a completar com o dado de que o segmento final da sequência canônica da cólera, a /agressividade/, é ele mesmo também um estado emotivo de alta intensidade. Embora possa não desembocar num fazer realizante, a /agressão/, e permaneça em uma situação de virtualidade, à beira da explosão, por assim dizer, tudo leva a crer que também essa massa sêmica se aloque num espaço tensivo de alta intensidade, a comparar, por exemplo, com a /brandura/, sema que em seu nível tensivo, molar, de língua, tem já baixa intensidade.

Se nos fosse lícito aplicar o esquema catenário para toda a sequência da cólera, teríamos uma representação imagética na seguinte representação, sempre advertidos de que, na feliz formulação de F. Édeline (2011): “uma imagem não demonstra, convence”. Ao que faríamos bem lhe aplicar um *mais* de modéstia: “intenta fazê-lo”:

Figura 15: Catenária representando a sequência canônica da “cólera”, segundo Greimas.



¹² Motivadora, para evitar a ideia de alguma implicação *causal*, totalmente recusada por Greimas, haja vista as vicissitudes que podem tudo alterar no andamento do processo: desembocar na vingança, na maledicência, no rancor, na mágoa, mas também, na resignação e até mesmo no perdão. Ao que tudo indica, toda causalidade fica banida quando se trata de paixões humanas.

O modelo faz ver que no caso da paixão da cólera tudo se dá em espaço paroxístico, aqui denominado *hiperlativo* (indicado como ++ no gráfico). O espaço *lativo* denomina a tonicidade e intensidade básica, molar, dos semas nas oposições polares do quadrado semiótico (indicado como + -). Por fim, o espaço *infralativo* oferece o campo da baixa intensidade (indicado no campo - -). A inserção do espectro do quadrado semiótico ilustra aqui apenas a advertência do próprio Zilberberg quando exige que os conceitos comuniquem-se uns com os outros, ou seja, que “ocupem o mesmo espaço” tensivo. No caso de um eventual êxito e possibilidade “científica” da semiótica de *sair de Aristóteles*, então o espectro do quadrado se esvai.

8. Observação final: o tempo e a cólera

A breve sugestão catenária para exame da tensividade na paixão da cólera, em termos da intensidade superlativa de todos os seus movimentos, ainda careceria do exame da questão *tempo*. Quanto menor tempo de *retrospecção* tenha o sujeito /frustrado/ sobre suas /expectativas/; menor tempo de retrospecção tenha o sujeito /descontente/ sobre a /frustração/ havida, menor tempo de retrospecção tenha o sujeito no estado passional da /agressividade/ sobre o /descontentamento/ que o toma; por sua vez, menor o tempo de *circumspecção* sobre qual estado passional *escolher*, em cada uma das mesmas fases acima; por fim, quanto menor o tempo de eventual *prospecção* sobre um programa narrativo de *saída* para a situação, em todas as fases da sequência da cólera, esse tempo sincopado fará subir a tensão e propiciará mais vertiginosamente a explosão da cólera.

Sem dúvida, a semiótica das paixões será sempre um campo a nos desafiar continuamente, para indagarmos sobre a *inteligência sensível*, ou a *sensibilidade inteligente*, dos movimentos passionais, desafio para o encalço de entendê-los *grão a grão*. ●

Referências

ARRIVÉ, Michel ; COQUET, Jean-Claude. *Sémiotique en jeu*. À partir et autour de l'œuvre d'A. J. Greimas. Paris/Amsterdam : Hadès-Benamins, 1987.

BEIVIDAS, Waldir. Quo vadis, Sémiotique ? Principes sémiologiques d'une théorie du sens. *Actes Sémiotiques*, v. 130, 2024. p. 87-100. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/as.8247>. Acesso em: 10 nov. 2024.

BEIVIDAS, Waldir. Un modelo catenario y tensivo para la estructura del cuadrado semiótico: salir de Aristóteles. *Tópicos del Seminario*, v. 1, 2021, p. 101-117. Disponível em: <https://topicosdelseminario.buap.mx/index.php/topsem/article/view/740/853>. Acesso em: 10 nov. 2024.

- BEIVIDAS, Waldir. Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico. *Estudos Semióticos* (USP), v. 15, 2019. p. 39-53. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.156046>. Acesso em: 09 nov. 2024.
- BLANCHÉ, Robert. *Les structures intellectuelles, essai sur l'organisation systématique des concepts*. Paris : J. Vrin, 1966.
- BIGLARI, Amir. *Entrevistas Semióticas*. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. Orlando (USA): Amazon, 2024 [2014].
- EDELIN, Francis. Une image ne démontre pas, elle convainc. *Actes Sémiotiques*, (114), 2011. Acessível em: <https://doi.org/10.25965/as.2776>. Acesso em: 09 nov. 2024.
- FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e significação*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas FFLCH-USP, 2001 [1998].
- FONTANILLE, Jacques ; ZILBERBERG, Claude. Valence / Valeur. *Nouveaux Actes Sémiotiques*, v. 46-47, 1996. p. 03-69.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sémantique structurale*. Paris : Larousse, 1966.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens*. Essais sémiotiques. Paris : Seuil, 1970.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Maupassant*. La sémiotique du texte : exercices pratiques. Paris : Seuil, 1976.
- GREIMAS, Algirdas Julien ; LANDOWSKI, Eric. *Introduction à l'analyse du discours en sciences sociales*. Paris : Hachette, 1979.
- GREIMAS, Algirdas Julien. De la colère. Étude de sémantique lexicale. *Documents de recherche du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques* (EHESS-CNRS), n. 27, 1981.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Du sens II*. Essais sémiotiques. Paris : Seuil, 1983.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Sobre o sentido II*. Ensaios semióticos. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.
- GREIMAS, Algirdas Julien ; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.
- LOPES, Ivã Carlos. Esquematização da modalidade epistêmica. In: CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho (org.). *Razões e sensibilidades: a semiótica em foco*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2004, p. 51-65.
- MANCINI, Renata. A dinamização como valor no modelo de Bernard Pottier. *Todas as Letras — Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 2. 2024. p. 1-18. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/17109>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- POTTIER, Bernard. Du carré sémiotique « flou » au cycle. *Bulletin du Groupe de Recherches Sémio-linguistiques* (EHESS-CNRS), n. 17, 1981. p. 16-19.
- POTTIER, Bernard. *Théorie et analyse en linguistique*. Paris : Hachette, 1992.

ZILBERBERG, Claude. *Essai sur les modalités tensives*. Amsterdam : J. Benjamins, 1981.

ZILBERBERG, Claude. *Éléments de grammaire tensive*. Limoges : Pulim, 2006a.

ZILBERBERG, Claude. *Raison et poétique du sens*. Paris : PUF, 1988.

ZILBERBERG, Claude. *Razão e poética do sentido*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp, 2006b.

ZILBERBERG, Claude. *Causerie sur la sémiotique tensiva*, 2008 (Texto inédito).

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de semiótica tensiva*. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. *La structure tensiva*. Liège : Presses Universitaires de Liège, 2012.

Anger and its tensive oscillations

 BEIVIDAS, Waldir

Abstract: In this text, I present two approaches. In the first, I briefly visit three authors who inaugurated what today constitutes the so-called tensive semiotics: A. J. Greimas, B. Pottier and Cl. Zilberberg. In this first movement, I seek to expose the pioneering reflections of these authors on the concept of tensivity, intensity and gradualness, key concepts that will be the methodological basis of the construction of tensive semiotics, in its current models of analysis. I also extend the exposition and visit the reflection of two Brazilian authors, who have explored operational pathways of Pottier's sinusoidal model to extract from it, on the one hand, a flexibilization in the treatment of the epistemic field of Greimassian semiotics (I. C. Lopes) as well as, on the other, a dynamization in the approach of passions, of veridiction, and their application in the analysis of the semiotics of song (R. Mancini). In the second movement I present my own catenary model, inspired by Zilberberg's inaugural reflections on tensivity, and I carry out a brief analysis that focuses on the tensive oscillations of the passion of anger, using Greimas' analysis of this passion as a parameter.

Keywords: anger; tensivity; dynamization; flexibilization; catenary.

Como citar este artigo

BEIVIDAS, Waldir. A cólera e suas oscilações tensivas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 20, n. 3. Dossiê temático “*Sobre o sentido II*, quarenta anos mais tarde: o pensamento de Greimas em devir”. São Paulo, dezembro de 2024. p. 131-152. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

BEIVIDAS, Waldir. A cólera e suas oscilações tensivas. *Estudos Semióticos* [online], vol. 20, issue 3. Thematic issue “*Du sens II*, forty years later: Greimas' thought in the making”. São Paulo, December 2024. p. 131-152. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Data de recebimento do artigo: 04/11/2024.

Data de aprovação do artigo: 11/11/2024.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

